

GEOGRAFIAS DA IMIGRAÇÃO: O RIO DE JANEIRO DE SAMUEL RAWET E A PORTO ALEGRE DE MOACYR SCLiar

GEOGRAPHIES OF IMMIGRATION: SAMUEL RAWET'S RIO DE JANEIRO AND MOACYR SCLiar'S PORTO ALEGRE

Saul Kirschbaum*

Resumo: A obra de Moacyr Scliar e a de Samuel Rawet têm, no mínimo, um aspecto em comum. Scliar, nascido em Porto Alegre e filho de imigrantes, e Rawet, nascido na Polônia mas nem por isso menos carioca, dedicaram às suas cidades – natal ou de acolhida - um papel de destaque, dando-lhes, em seus escritos, quase que posição de personagens. *A guerra no Bom Fim* e *O exército de um homem só*, de Scliar, “Reinvenção de Lázaro” e “Madrugada seca”, de Rawet, são exemplos eloquentes desse protagonismo. Outros autores de origem étnica judaica, imigrantes ou filhos de imigrantes, seguiram essa trilha, como Ronaldo Wrobel em *Traduzindo Hannah* e Eliezer Levin em *Bom Retiro*. Este artigo busca aprofundar a análise da relação dos autores escolhidos com suas cidades de residência, tentando acompanhar os deslocamentos geográficos dos judeus que imigraram, notadamente da Europa do Leste, e sua concentração em bairros específicos.

Palavras-chave: Literatura judaica. Moacyr Scliar. Samuel Rawet.

Abstract: The work of Moacyr Scliar and that of Samuel Rawet have at least one aspect in common. Scliar, born in Porto Alegre and son of immigrants, and Rawet, born in Poland but no less “carioca”, dedicated to their cities – hometown or host – a prominent role, giving them, in their writings, almost the position of characters. Scliar’s *A guerra no Bom Fim* and *O exército de um homem só*, and Rawet’s “Reinvenção de Lázaro” and “Madrugada seca”, are eloquent examples of this protagonism. Other authors of Jewish ethnic origin, immigrants or children of immigrants, such as Ronaldo Wrobel in *Traduzindo Hannah* and Eliezer Levin in *Bom Retiro*, followed this path. This article seeks to deepen the analysis of the relationship of the chosen authors with their cities of residence, trying to follow the geographical displacements of Jews who immigrated, notably from Eastern Europe, and their concentration in specific neighborhoods.

Keywords: Jewish literature. Moacyr Scliar. Samuel Rawet.

O povo judeu tem atrás de si uma história multimilenar de exílios, expulsões, migrações forçadas. Para citar uns poucos eventos marcantes, o cativo na Babilônia a partir de 598 aec, a derrota da revolta contra os romanos e a destruição do Segundo Templo no ano 70 ec, o malogro final das esperanças autonomistas na aventura de Bar Kokhbeh (132 a 135 ec), última tentativa judaica de libertar-se do jugo romano - que resultou em uma avassaladora desjudaização do território -, e a expulsão da Espanha em 1492 causaram intensa realocação demográfica involuntária.

* Pesquisador independente. Doutor em Letras, Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas pela FFLCH/USP e pós-doutor pela Unicamp.
Email: <saul.kirschbaum@gmail.com>.

Em particular, e mais recentemente, os *pogroms* que ocorreram na Rússia no final do século XIX¹ e começo do século XX², e as péssimas condições econômicas e sociais a que foram sujeitos na Polônia, após a reunificação e recuperação de soberania do estado polonês com o final da Primeira Guerra Mundial³, provocaram o surgimento de fortes correntes migratórias, o êxodo de centenas de milhares de judeus da Europa oriental, uma parte apreciável dos quais vieram parar no Brasil⁴. Os escritores judeu-brasileiros Moacyr Scliar e Samuel Rawet são fruto direto dos acontecimentos relatados acima.

A boa acolhida que experimentaram, os imigrantes e seus filhos, favoreceu o desenvolvimento de um vínculo emocional com o país de acolhimento que se manifesta notadamente na relação com as cidades onde se estabeleceram, vínculo este que é o tema principal deste artigo. Note-se que os judeus se fixaram principalmente nas capitais de estado, onde as possibilidades econômicas eram mais favoráveis⁵; e em cada capital de estado tenderam

¹ A situação dos judeus no Império Russo era precária desde o final do século XVIII, quando cerca de um milhão de judeus foram transferidos do controle da Polônia para o da Rússia, em consequência das partições da Polónia impostas por Rússia, Prússia e Áustria, e passaram a viver confinados na chamada Região de Assentamento. Esta condição se manteve ao longo do século XIX, com altos e baixos, até que, em 13 de março de 1881, a fermentação social reinante resultou em um atentado terrorista que matou o tsar Alexandre II. Dado o clima anti-judaico prevalecente, o atentado foi atribuído aos judeus, desencadeando uma série de *pogroms*, o primeiro dos quais em 27 de abril de 1881, apenas 45 dias após o atentado. Outros atos de violência se seguiram em Kiev (8 e 9 de maio) e Odessa (15 e 16 de maio), alastrando-se rapidamente para cerca de 160 localidades até o verão de 1882. Seguiu-se a emigração de centenas de milhares de judeus, que se dirigiram, principalmente, para os Estados Unidos.

² Aos episódios de 1881-1882 seguiram-se cerca de vinte anos em que as ameaças de *pogroms* apenas pairavam sobre a população judaica; finalmente, em 19 de abril de 1903, domingo de Páscoa e último dia da festa de Pessah, a violência voltou a irromper, agora em Kishinev, na Bessarábia, superando em selvageria os movimentos anteriores; *pogroms* voltaram a sacudir Kishinev em 1905, expandindo-se por cerca de cinquenta localidades. Desta vez, os atos de violência foram insuflados pelo fracasso militar da Rússia ante o Japão, que foi atribuído ao derrotismo judaico. Também os *pogroms* de Kishinev motivaram maciça emigração judaica, que em parte se dirigiu ao Brasil, sob o incentivo das colônias estabelecidas pela ICA. Segundo Lesser (1995, p. 316), entre 1901 e 1914 imigraram para o Brasil 8.750 judeus. Scliar (1985, p. 19) reporta que para Philippon, primeira colônia implantada pela ICA, vieram 38 famílias, cerca de trezentas pessoas, provenientes justamente da Bessarábia.

³ No final do século XVIII, a Polónia foi sacudida por três conflitos militares que de cada vez a confrontaram com Rússia, Prússia e Áustria; em cada um dos quais cedeu pedaços de seu território para as potências vitoriosas, as chamadas “partições”, até finalmente perder sua existência política. Esta situação perdurou até 1919, quando os vencedores da Primeira Guerra Mundial voltaram a unificar a Polónia e a conceder-lhe o status de estado independente, ao mesmo tempo impondo a adoção de uma constituição que garantia os direitos das minorias. A atitude geral do estado polonês, no entanto, continuou a ser predominantemente anti-judaica: ocorreram episódios de *pogroms*, judeus foram impedidos de exercer certas profissões e passaram a enfrentar condições econômicas precárias, o que motivou a emigração de um número considerável de judeus. Em ídiche, estes eventos todos são referidos como *khurbm*, significando ruína, destruição, catástrofe, devastação, holocausto.

⁴ Lesser (1995, p. 318) mostra que entre 1925 e 1935, de uma imigração judaica total para o Brasil de 32.521 pessoas, 14.609, ou quase 45 por cento, era proveniente da Polónia. Desta população fazia parte a família de Samuel Rawet.

⁵ Mas não só. Como o próprio Scliar relata em *Caminhos da esperança*, em 1881, sensibilizado pelos *pogroms* que ocorriam na Rússia em decorrência do atentado contra o tsar Alexandre II, um grande filantropo judeu, o Barão Hirsch fundou uma entidade, a *Jewish Colonization Association* - conhecida pela sigla ICA -, com o objetivo de adquirir terras onde assentar judeus em má situação econômica. A associação criou colônias agrícolas e atraiu imigrantes da Rússia para o Canadá, a Argentina e o Brasil. No Brasil, especificamente, a ICA implantou colônias no noroeste do estado do Rio Grande do Sul a partir de 1904, mesmo ano em que, como veremos adiante, a família Scliar chegou ao Brasil; muitos dos novos colonos acabaram aceitando sua inaptidão para o trabalho da terra e se

a se agrupar em um ou em poucos bairros, movimento espontâneo visando facilitar a criação de entidades comunitárias, como sinagogas, clubes, bibliotecas, e o funcionamento de redes de ajuda mútua. Dessa forma, desenvolveram-se naquelas cidades bairros tidos como “judaicos”, em vista da densidade desproporcional de sua população judaica. Assim, em Porto Alegre os judeus se concentraram no Bom Fim, em São Paulo no Bom Retiro, no Rio de Janeiro na Praça Onze e seus arredores.

Decorrencia desta situação, o vínculo emocional com a cidade e com o bairro de residência é frequente na obra de escritores judeus, tais como o portoalegrense Moacyr Scliar e o polonês - mas carioca por adoção - Samuel Rawet.

Moacyr Jaime Scliar

Scliar nasceu em Porto Alegre (RS) em 1937, filho de judeus que deixaram o Império Russo pelo Brasil, em busca de melhores condições de vida⁶; muitas de suas obras são ambientadas na capital gaúcha, particularmente no Bom Fim, bairro onde passou a maior parte de sua infância. Em sua primeira novela publicada, *A guerra no Bom Fim*, por exemplo, ambientada em 1943 e início de 1944, em plena Segunda Guerra Mundial, Scliar narra as aventuras e peripécias de um grupo de meninos judeus moradores do Bom Fim, com idade em torno de dez e onze anos, na fluida fronteira entre a infância e a adolescência, entre as brincadeiras de mocinho e bandido e o primeiro cigarro, a descoberta da sexualidade. Romance de formação, *A guerra no Bom Fim* registra a trajetória de Joel, o protagonista, rumo à vida adulta, em seu esforço por ressignificar o passado.

O tom geral da narrativa é de melancolia, de nostalgia de uma infância perdida, um toque poético sugerindo até mesmo a presença de uma reminiscência autobiográfica.

Nas brincadeiras de mocinho e bandido, as crianças dramatizam seu engajamento na guerra contra a Alemanha, guerra que – na trama do romance - teria se estendido ao Brasil, particularmente ao bairro onde residia grande parte dos judeus de Porto Alegre: “Batidos em Stalingrado e na Sicília, com problemas de abastecimento e ameaçados na África, os alemães se voltaram para o Bom Fim.”⁷

mudaram para Porto Alegre, Santa Maria e outras cidades gaúchas, para dedicar-se ao comércio. Provavelmente, esta é a trajetória dos pais de Moacyr, que já nasceu em Porto Alegre.

⁶ Os pais de Moacyr, José e Sara Scliar, vieram da Bessarábia, então parte do Império Russo, em 1904, logo após o pogrom de Kishinev.

⁷ SCLIAR, 2004, p. 25.

Se no terreno da fantasia as crianças encenam o terrível combate contra o nazismo, o dia-a-dia, a realidade, não é menos beligerante. É necessário enfrentar e, ao mesmo tempo, conviver com a hostilidade dos *goyim*, dos negros da Colônia Africana, bairro contíguo ao Bom Fim e “habitat” de outro grupo de crianças, em disputas que podem se materializar na forma de jogos de futebol em terreno neutro, competições que podem terminar em batalhas campais onde fezes de muares – como a égua Malke Tube - são utilizadas como projéteis.

Enquanto as crianças enfrentam a barbárie nazista no plano da imaginação, a guerra real atinge os adultos, que são compelidos a oferecer sua colaboração em conjunto com as crianças, por exemplo contribuindo com borracha para equipar os veículos dos aliados.

Mas a trama de *A guerra no Bom Fim* não se restringe à guerra contra o nacional-socialismo. Scliar dedica-se, também, a descrever, com ironia, nostalgia e simpatia, o cotidiano dos adultos, da comunidade judaica portoalegrense na década de 1940, tal como o hábito de sentarem juntos na calçada, nas noites tão quentes do verão, para contar histórias da Rússia, e a fuga das famílias – esposas e filhos - para Capão da Canoa, enquanto os maridos ficavam em Porto Alegre trabalhando; o balneário, na época, quase poderia ser considerado uma extensão do Bom Fim, tal a quantidade de moradores do bairro que para lá se transferiam em janeiro e fevereiro. O deslocamento para Capão da Canoa não afasta as crianças da guerra contra os nazistas, já que o inimigo insidioso abre uma nova frente na costa gaúcha, mobilizando submarinos para instalar uma cabeça de ponte, buscando estabelecer um vínculo direto, geográfico, uma espécie de túnel, com a capital e, assim, ampliando o cenário do conflito.

O tempo passa, a infância e a adolescência dão lugar à vida adulta, Porto Alegre se moderniza, é o progresso. Rompe-se o encantamento do Bom Fim mas a narrativa mantém seu tom nostálgico e sua ironia, aspectos tão constitutivos da obra de Moacyr Scliar.

A guerra no Bom Fim foi publicada em 1972, período mais opressivo da ditadura militar à qual, então, o Brasil estava submetido. Um ano mais tarde, Scliar voltaria, com seu característico humor judaico, sempre ácido, a conceder protagonismo à cidade de Porto Alegre em sua segunda novela, *O exército de um homem só*, de 1973. Sob o mantra “iniciamos agora a construção de uma nova sociedade”, repetido muitas vezes,⁸ assistimos às aventuras tresloucadas de Mayer Guinzburg, o “Capitão Birobidjan”, judeu portoalegrense nascido da Rússia, herói quixotesco que dedica sua vida à instauração de uma nova sociedade.

⁸ Em um breve período em que Mayer foi um bem sucedido empresário no ramo imobiliário, esse mantra foi adaptado para “Iniciamos neste momento a construção de uma nova série de edifícios – os ‘Reis de Israel’”. (SCLIAR, 1983, p. 112)

Birobidjan foi uma região autônoma localizada na Sibéria, escolhida e cedida aos judeus em 1934 pelo então secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, Josef Stalin, para ser o lar do povo judeu como alternativa à Palestina. A iniciativa foi apresentada pelo governo como extensão aos judeus de uma política implementada pela União Soviética, “um território para cada minoria nacional”; mas há quem afirme que o objetivo principal seria assentar os judeus perto da fronteira com a Manchúria, nordeste da China, como escudo, para frear o avanço do império japonês que progredia pela Ásia Oriental no período entre as duas grandes guerras mundiais. Em homenagem a esse evento histórico, que aparentava restituir autonomia ao povo judeu, Mayer Guinsburg batiza seu projeto de “Nova Birobidjan”. Sua admiração pela empreitada estalinista acaba por fixar-se no apelido pelo qual vem a ser conhecido, “capitão Birobidjan”, muitas vezes motivo de chacota.

A narrativa começa *in media res*, nos últimos momentos de vida do protagonista; já na primeira página o narrador explicita que a ação estará ambientada na capital gaúcha (“Tem de voltar, subir o estuário do Guaíba, atracar em Porto Alegre e chegar ao Beco do Salso.”⁹)

A estratégia narrativa adotada por Scliar apresenta algumas ousadias. Por exemplo, o uso de notas de rodapé aparentemente produzidas por outro narrador ou inseridas de fora, como se um observador externo, ao longo da leitura do livro, acrescentasse comentários que esclarecem o contexto do que está sendo narrado. Por exemplo, quando o narrador menciona “os comerciantes judeus do Bom Fim”, o pano de fundo é “esclarecido” pelo “observador”, através da referência a uma obra fictícia, *Pequena História dos Comerciantes judeus no Bom Fim*.

Outro “achado” de Scliar é criar a ilusão de que personagens da novela, sobrinhos do protagonista, teriam inspirado o autor a escrever o livro, ou como se os sobrinhos pudessem conversar com o narrador a respeito da escrita de um livro no qual eles são personagens, e que acaba sendo a própria obra que nós, leitores, estamos lendo.

A narrativa, que cobre o período que vai de 1916 até 1970, alterna, por um lado, o registro de eventos que marcam a trajetória de Mayer e com, por outro, a referência aos acontecimentos que agitavam o mundo. A novela é estruturada em capítulos que cobrem um determinado ano, ou um período de poucos anos. Scliar estabelece, com esse recurso, um pano de fundo historiográfico sobre o qual se movimentam as personagens. Assim, em 1916 a família Guinsburg sai da Rússia, fugindo das perseguições contra os judeus; em 1929 estoura o *crack* da bolsa de Nova York; no mesmo ano de 1929, Mayer conseguirá a adesão de alguns amigos

⁹ SCLIAR, 1983, p. 9.

para iniciar seu projeto de uma nova sociedade; em 1933 Mayer consegue um emprego em uma pequena loja e começa a trabalhar; e assim por diante.

De forma recorrente, é dito que a ação transcorre sempre em Porto Alegre, especificamente entre as ruas do Bom Fim e o Beco do Salso, outro bairro de Porto Alegre que, na época, era considerado muito distante. Finalmente, já à beira da morte, Mayer recapitula os principais episódios de sua carreira e reafirma seu vínculo especial com o Bom Fim.

Samuel Urys Rawet

Samuel Rawet nasceu em 1929 em uma pequena cidade polonesa, Klimontów; em 1936, aos sete anos, veio para o Brasil acompanhando sua família que, como tantas outras famílias judias, fugia das más condições a que estavam submetidos na Polônia. Seu pai já tinha vindo para cá alguns anos antes, para trabalhar e juntar os recursos necessários para trazer esposa e filhos. A família Rawet veio para o Rio de Janeiro, mais especificamente para o subúrbio carioca. Nas palavras da pesquisadora Natalia Klidzio,

Egresso de uma *quase* aldeia polonesa e por força da emigração, seu traslado ocorreu para uma cidade brasileira rodeada de favelas. A família de Samuel Rawet instalou-se em bairros suburbanos do Rio de Janeiro, onde viveu até 1952. Inicialmente, foi no subúrbio da Leopoldina, na rua das Andorinhas, que se situava a primeira morada, entre Ramos e Olaria. Foi lá que Rawet começou a estudar, num colégio judaico, abandonando-o posteriormente para continuar os estudos no colégio Chile, em Olaria, seguindo no ginásio de Santa Teresa. Na infância pobre, começou a trabalhar ajudando seu pai e irmãos nas atividades de “judeu de prestação” e, depois, no comércio de móveis. Residiu também em Bonsucesso. Terminou a escola média no Colégio Brasileiro de São Cristóvão.¹⁰

Em síntese, Rawet veio para o Brasil criança e atingiu a idade adulta no Rio de Janeiro, onde começou sua carreira literária, que se deu em paralelo com sua formação universitária como engenheiro. No final de sua vida, residiu em Brasília, na cidade-satélite de Sobradinho, onde veio a falecer em 1984. Entre a fase carioca e a brasiliense, passou algum tempo em Israel, em atividades profissionais ligadas à sua especialização de calculista de concreto. Desta fase, o escritor guarda lembranças amargas, queixando-se de “rasteiras profissionais numa sociedade competitiva”¹¹.

¹⁰ KLIDZIO, 2010, p. 76-77.

¹¹ RAWET, 2008, p. 141.

A vivência no Rio de Janeiro, especialmente no início do período, marcou-o de forma indelével, como o autor declarou em entrevista concedida a Flávio Moreira da Costa, em 1985, entrevista na qual elabora sua condição de menino imigrante, com dificuldades de ambientação, e valoriza o ter passado sua infância em bairros periféricos da cidade, praticamente se criando e aprendendo o português “na rua”.

Talvez essa facilidade para aprender na rua, esta familiaridade com o estilo de vida suburbano tenham a ver com o fato de que Rawet – já então adulto, engenheiro, escritor - gostava muito de perambular pelas ruas, parando em qualquer padaria ou botequim e observando as interações entre as outras pessoas, hábito que acabou por inspirar muitos de seus contos e lhe valeu o epíteto de “solitário caminhante do Planalto” cunhado por Esdras do Nascimento. Flanar. Mais ainda no Rio de Janeiro do que em Brasília, uma vez que o Rio de Janeiro tem uma vida urbana mais densa.

Essa característica se reflete na ambientação de boa parte de suas obras, através da identificação precisa dos locais onde ocorrem suas histórias. Conforme levantamento de Natalia Klidzio, dos 67 contos publicados por Rawet, 23 deles, ou 37% apresentam ruas e/ou bairros nomeados.¹²

No conto “Reinvenção de Lázaro”, publicado em 1969 na coletânea *O terreno de uma polegada quadrada*, por exemplo, a descrição dos espaços é tão minuciosa que o leitor se sente andando pelas ruas do Rio de Janeiro na companhia do protagonista. A cidade assume importância de personagem, talvez mesmo de protagonista.

Yehuda Bitterman¹³, o personagem principal, é um escritor que não encontra inspiração para a história que está tentando escrever. Numa tentativa de superar o bloqueio criativo, levanta-se e vai até a janela. Cabe especular se o próprio Rawet se valia desse recurso quando encetava escrever suas obras. O registro topográfico já começa aí: o barulho de “um choque repentino de veículos seguido de gritos, vidros estilhaçados e zoadas de multidão lhe chegou da rua do Catete. O quarto em que morava ficava numa transversal, não muito longe do Largo do Machado”¹⁴.

Mas não fica por aí. Surge-lhe a ideia de sair para andar, “talvez no regresso conseguisse articular alguma coisa no papel”¹⁵. De ir em direção à rua Bento Lisboa, onde mora um amigo; ao invés, chegando na calçada decide-se pela direção contrária.

¹² Ver KLIDZIO, 2010, p. 120-123.

¹³ Note-se que Yehuda Bitterman, em ídiche, significa “judeu amargo”.

¹⁴ RAWET, 2004, p. 305-306.

¹⁵ RAWET, 2004, p. 306.

Finalmente, vem-lhe a ideia salvadora: “escrever a história de um homem que tem que conquistar dolorosamente, nos mínimos detalhes, todos os episódios que compõem um cotidiano, um homem que precisaria aprender a conciliar o sono, a acordar, a comer, a andar, a pronunciar as palavras, um homem não uma criança”¹⁶. Enquanto elabora o que vai escrever, o texto que se urde ao caminhar, a descrição do itinerário prossegue: “Ia subindo a Paissandu em direção à Senador Vergueiro”¹⁷. Destaque-se a descrição minuciosa que o narrador faz do trajeto do protagonista até encontrar a inspiração que lhe faltava para escrever o conto; como se a cidade exercesse sobre ele uma inspiração telúrica.

A esse homem, Bitterman dará o nome de Tião: “preto alto e musculoso, ajudante de caminhão, e que junto com outros estaria descarregando um bloco de mármore diante do galpão em que se esculpiam imagens para os túmulos do cemitério São João Batista”¹⁸. Recuperada a inspiração, o protagonista pode dar um título à sua história, “Reinvenção de Lázaro”, voltar para seu quarto e reencetar a escrita.

Do ponto de vista literário, um aspecto destacado do conto é o emprego de um *mise-en-abîme*: tendo elaborado sua história e caracterizado o protagonista, Tião, a primeira narrativa - a narrativa da busca de um tema por um escritor - é encerrada, abrindo espaço para a segunda narrativa, ou seja o conto de autoria de Yehuda Bitterman, “Reinvenção de Lázaro”. Como se poderia esperar, Rawet continuará a descrever os toponímicos da ação, só que agora deslocada do centro do Rio de Janeiro para a periferia, denunciando a existência de um Rio de Janeiro com múltiplas faces, em decorrência de diferenças sociais.

Já o conto “Madrugada seca”, incluído na mesma coleção *O terreno de uma polegada quadrada*, registra – numa narrativa muito curta, de quatro páginas e um só parágrafo - uma madrugada na vida da prostituta Isaura, codinome Greta em homenagem à atriz Greta Garbo; Greta perambula pelas ruas do Rio de Janeiro em busca de “clientes”, sofrendo as agressões típicas da profissão e refletindo sobre as dificuldades do dia a dia e as alternativas de que dispõe ou de que já não dispõe mais.

Ao escolher uma prostituta como protagonista do conto, Rawet reitera sua solidariedade e simpatia pelos excluídos e marginais, opção que permeia toda sua obra, resultante da profunda dimensão ética de sua visão de mundo.

A exemplo do que acontecia em “Reinvenção de Lázaro”, a jornada de Greta é pontuada por referências muito específicas a ruas e praças, como, logo na abertura do conto, “Era pois

¹⁶ RAWET, 2004, p. 307.

¹⁷ RAWET, 2004, p. 307.

¹⁸ RAWET, 2004, p. 308.

Greta e circulava pela Avenida Atlântica à uma e meia da manhã de segunda-feira, ou terça”¹⁹
Segue-se o desenvolvimento da ação: “Entre a República do Peru e a Paula Freitas cumprimentou a guarnição da Rádio Patrulha que subia também lentamente a avenida. Eram todos conhecidos, bem *conhecidos*”.²⁰

Assediada por dois homens dentro de um *volks*, Greta reflete sobre o que poderá acontecer a ela se aceitar o convite; em sua profissão já foi alvo de um sem-número de agressões e assaltos. Enquanto espera por algum cliente, a protagonista entrega-se a um elaborado fluxo de consciência:

Se aquele dente incomodar outra vez vai ser o diabo. Tratamento de canal, raio X, caro e chato. O cabelo já pedia outra pintura. Se aquele freguês certo de duas vezes por semana não tivesse sumido. Tipo engraçado, vinha de tarde, falava pouco, devia ser casado, sentava-se na cama e pedia para ela ir fazendo poses.²¹

E a narrativa termina como começou, num ciclo de eterno retorno: “Continuou o caminho. Greta era seu nome de guerra. Isaura, o de batismo”. Como em outros contos de Rawet, não há propriamente ação dramática, a trama consistindo das reflexões do protagonista, prisioneiro de sua solidão.

Aproximando Rawet de Michel de Certeau, Natalia Klidzio registra que devem ser consideradas seis dimensões para explorar o conto rawetiano do ponto de vista da “prática do espaço urbano”, a saber:

1) o texto que se urde ao caminhar; 2) o texto que se urde ao relatar uma caminhada; 3) a homologia entre percurso/discurso, entre andar/pensar, caminhar/criar; 4) o conto como experiência de “lugar” (um texto que se vê) e como prática de um “espaço” (um texto que se lê); 5) as marcas do maiúsculo: a incorporação dos topônimos e a emergência do personagem anônimo; 6) a retórica dos passos na prática literária do espaço urbano nos contos de Rawet: ditos e modos.²²

Nos dois contos que analisamos, “Reinvenção de Lázaro” e “Madrugada seca”, essas dimensões podem todas ser observadas, com exceção do item 5, em relação à emergência do personagem anônimo; em ambos contos os personagens são nomeados, Yehuda Bitterman, Tião, Greta.

¹⁹ RAWET, 2004, p. 313.

²⁰ RAWET, 2004, p. 313.

²¹ RAWET, 2004, p. 315.

²² KLIDZIO, 2010, p. 113.

Conclusão

Tentamos aqui, através da análise de obras de ficção de autoria de Moacyr Scliar e Samuel Rawet, desenvolver a ideia de uma relação emocional privilegiada entre escritores imigrantes ou descendentes de imigrantes e suas cidades de residência, relação esta que se manifesta, em seus escritos, pelo detalhamento do espaço urbano com lente de aumento, pela identificação das ruas e praças onde a ação se desenvolve, a ponto de a cidade subir à condição de personagem da trama, tendência que se observa também em outros autores de origem judaica, como Ronaldo Wrobel no romance *Traduzindo Hannah* de 2010 e Eliezer Levin no romance *Bom Retiro*, de 1972.

Sugerimos a ideia de que esse fenômeno está ligado ao fato de os imigrantes – não só judeus -, em cada cidade de acolhimento, concentrarem-se em um ou em poucos bairros, nos quais podem conviver intensamente com seus correligionários.

Referências bibliográficas:

BEN-SASSON, Haim Hillel (org.). *A History of the Jewish People*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.

BINES, Rosana Kohl; TONUS, José Leonardo (orgs.). *Samuel Rawet: ensaios reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COSTA, Flávio Moreira da. Andanças e mudanças de Samuel Rawet in SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.), *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008.

KLIDZIO, Natalia. *Itinerário urbano na vida e obra de Samuel Rawet*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Tradução de Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LEVIN, Eliezer. *Bom Retiro*. 2a. edição. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RAWET, Samuel. Reinvenção de Lázaro (1969) in SEFRIN, André (org). *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 305-312.

RAWET, Samuel. Madrugada seca (1969) in SEFRIN, André (org). *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 313-316.

SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. 4a edição. Porto Alegre: L&PM, 1983.

SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Marc Chagall, 1985?

SCLIAR, Moacyr. *A guerra no Bom Fim*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés. 2008.

WEINREICH, Uriel. *Modern English-Yiddish dictionary*. New York: Schocken Books, 1977.

WROBEL, Ronaldo. *Traduzindo Hannah*. Rio de Janeiro: Record, 2010.